

# DIÁLOGOS COM CRIANÇAS SOBRE A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL\*

## CONVERSATIONS WITH CHILDREN ABOUT THE TRANSITION FROM PRESCHOOL EDUCATION TO PRIMARY SCHOOL

Jéssica Schmidt Nunes\*\*\*

**Resumo:** A criança é produtora de conhecimento e, entre pares, aloca-se em um mundo naturalmente seu adquirindo maior segurança e propriedade de manifestação. Percebe-se esta criança como sujeito da prática educativa, ou seja, é dotada de um potencial particular que vem sendo entendido, ao longo dos anos, deixando de ser vista como o “adulto em miniatura”. Sob este viés, a criança ganha espaço e passa a ter voz ativa. E entre as conversas com um grupo focal, composto por seis crianças de três escolas diferentes, buscou-se, nas peculiaridades das Culturas Infantis, compreender a transição da educação infantil para o ensino fundamental. A partir daí as crianças revelaram-se comprometidas com a nova postura escolar, embora nos momentos de maior mobilidade, expressão e brincadeira é que realmente mostraram satisfação. Tais revelações remetem a mudanças de paradigma que não cabem apenas à escola, mas a todos aqueles que estão envolvidos com a criança, pois é um compromisso social.

**Palavras-chave:** Culturas Infantis. Brincar. Estudar. Aluno. Ensino Fundamental.

**Abstract:** Children are producers of knowledge and, among peers, they allocate themselves to a world naturally of their own, where they feel safer in their expressions. As such, children are seen as actors of the educative practice, and throughout the years this particular potential has proven that they are not to be considered “miniature adults.” With this in mind, conversations with a focal group consisting of six children from three different schools sought to understand, in the peculiarities of Childhood Cultures, the transition from preschool education to primary school. As a result, these children proved to be committed to the new learning attitude, although they really came to express their satisfaction during times of mobility, display and playing around. These findings indicate some paradigm shifts pertaining not just to the school, but also to those involved with each child, calling for a social commitment.

**Keywords:** Childhood Cultures. Play. Study. Student. Primary School.

## Contextualizando a trama

Remexendo nos acontecimentos do cotidiano da escola onde trabalho, ao longo destes nove anos, é válido ressaltar que, ao final de cada ano, as crianças se despediam, felizes, por terem concluído o seu último ano na Educação Infantil e estarem de frente com uma nova etapa da sua vida escolar. Porém, gradativamente, elas foram desprendendo-se mais cedo, mais jovens e, de fato, isto começou a me incomodar. Em alguns destes olhares, que já tinham conhecido o novo ambiente escolar, foi possível perceber algo diferente. Não era a mesma alegria que costumava ver. Talvez fosse a preocupação ou ainda, a ansiedade pelo desconhecido; talvez a dor da separação dos amigos devido às escolhas distintas que fizeram as famílias em relação às escolas ou teria algo mais que não era possível identificar. É relevante considerar que cada sujeito tem seus sentimentos e expectativas e, ainda, que um grupo de crianças não é igual ao outro. Mas pude perceber que tinha algo mais.

Esta constatação se dá em função da Lei n. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, que altera a redação do artigo 32 da LDB (n. 9.394/96), trazendo em seu texto que: “O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade [...]”. A lei já existia, mas só foi possível entender efetivamente ao perceber no cotidiano escolar, as mudanças decorrentes desta implementação.

Também, alguns pais e algumas mães com as quais mantenho contato, manifestaram o sofrimento de seus filhos, na transição para o Ensino Fundamental. Crianças estas que acompanhei na Escola de Educação Infantil. Mas, ainda, destaco que tal sentimento pudesse estar sendo experienciado pelo adulto e não pela criança.

Contudo, é conveniente ressaltar que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil preveem que:

Na transição para o Ensino Fundamental a proposta pedagógica deve prever formas para garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental. (BRASIL, 2010, p. 30).

Complementando, nestes anos de atuação na educação Infantil descobri que concordo com Freire (1996) ao destacar a cumplicidade entre a docência e a discência e, ao conjugar seu argumento, afirmo que aprendi ensinando, ensinei aprendendo e, melhor de tudo, BRINCANDO. Acredito no brincar, tanto na sua simplicidade quanto na sua complexidade, assim como eu gosto de brincar!

Até aqui, apenas nós adultos, tínhamos nos manifestado a respeito desta mudança para as crianças. Então, era o momento de ouvi-las. Para isto, seis vozes de três escolas distintas, sendo uma pública e duas da rede privada, foram ouvidas, partindo de uma mesma escola de educação infantil. Por meio de entrevista com os próprios sujeitos da prática educativa – as crianças – busca-se compreender o que os meninos e as meninas têm a dizer de todo este processo da transição da educação infantil para o ensino fundamental, tendo como base o entendimento de que a manifestação da criança é permitida, é um direito que tem. Sem contar que, por vezes, o adulto se preocupa tanto com situações que a criança tem que passar na vida, enquanto ela supera os desafios criando estratégias cabíveis à sua idade. Em concordância, Sarmiento (2003, p. 2-3) afirma que:

As crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazendo-o com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é de novo possível. É por isso que o lugar da infância é um entre-lugar (Bhabha, 1998) o espaço intersticial entre dois modos – o que é consignado pelos adultos e o que é reinventado nos mundos de vida das crianças – e entre dois tempos – o passado e o futuro. É um lugar, um entre-lugar, socialmente construído, mas existencialmente renovado pela acção colectiva das crianças. (SARMENTO, 2003, p. 2-3).

Portanto, acredito na criança como ser criador, dotado de opinião própria e ainda com suas particularidades de compreender o mundo.

### **O caminho percorrido**

O grupo foi reunido na Escola de Educação Infantil a qual frequentaram, por intermédio de um convite especialmente criado para este momento. Escolhemos o sábado para termos maior privacidade e, também, não intervir na rotina da Escola. Segundo o relato dos pais, as crianças estavam ansiosas, tanto para encontrar seus amigos como para participar das atividades que seriam realizadas. Este dia passou a se chamar “Reencontro dos Amigos e Pesquisa” e um roteiro foi criado da seguinte maneira:

- 10:00: Chegada das crianças:

Recepção;

Apresentação e exploração do ambiente;

Explicação do trabalho a ser realizado no dia.

- 11:00: Preparo do almoço:

Manipulação dos legumes;

Bate-papo na cozinha.

- 12:00: Almoço

- 12:30: Brincadeiras escolhidas pelas crianças

- 13:00: Filmagens:

Questões instigadoras – entrevista estruturada:

Como é a sua escola?

O que você faz lá?

Você brinca? De que? Como?

Do que você mais gosta de brincar?

Você estuda?

Como é estudar? O que você estuda? O que você mais gosta de estudar?

Como era a sua escola anterior?

O que você fazia?

Você brincava? De que? Como?

Do que você mais gostava de brincar?

Você estudava? O que você estudava?

O que você mais gostava de estudar?

Brincar é importante? Por quê?

Estudar é importante? Por quê?

- 14:00: Brincadeiras escolhidas pelas crianças

- 15:00: Atividade artística:

- Desenho do que “mais gosto” na escola atual e do que “não gosto”.

- Assinatura das autorizações pelas crianças e desenho

- Tempo restante: mais brincadeiras.

Porém, com o decorrer das atividades, percebi que o roteiro que havia programado persistiria, mas o cronograma não. As crianças apontaram o ritmo que eu deveria conduzir as ativida-

des, de acordo com o seu tempo e revelaram-se, assim como foram percebidas, os sujeitos desta prática.

### **Conversando em cima do muro**

As nossas conversas foram realizadas “em cima do muro”, uma vez que foi possível perceber que, apesar de estarmos no espaço físico da escola da educação infantil a qual frequentaram não se mostraram mais pertencentes a este ambiente, mas sim ao da escola atual. E, por não estarmos neste último espaço, o encontro fez com que pudessem falar livremente sobre as escolas as quais pertencem. Nestes diálogos, foram atribuídos sentidos à questões como: contextualização da escola da atualidade; o que significa o ato de estudar; em quais momentos o brincar é permitido; as considerações sobre o brincar e o estudar e, também, a importância da escola de educação infantil por intermédio do resgate das memórias.

Ao expressarem-se sobre suas insatisfações na escola da atualidade, as crianças foram claras expressando: os jogos competitivos, pois além de gerar disputa de gênero, que ocasiona incidentes, pode fazer com que tal disputa, entre o mesmo gênero, se perpetue por um longo período de tempo; a falta de mobilidade, como a utilização contínua do espaço de sala de aula, mesa e cadeira, ou ainda, como a própria organização escolar, em que se tem “hora para tudo”; o método de alfabetização que pode tornar-se estressante para a criança.

Mas também, de acordo com as crianças, esta escola proporciona momentos agradáveis, em que revelam o que realmente lhes é prazeroso como: comer no refeitório, em que saem do espaço da

sala de aula, assim como se pode ter a presença de outras crianças; brincar do que se tem vontade, assim como do que os amigos gostam, pois desta forma a criança estabelece as relações com seus pares; movimentar-se de um ambiente a outro, em que a criança tem a possibilidade de “libertar-se” da sala de aula que pode parecer limitadora; e, o mais importante para elas, o recreio, em que a manifestação é livre e as possibilidades de relações são muito maiores.

### **Entre estudar e brincar**

Neste momento perguntei as crianças por que estudavam. Então me responderam: “Para aprender”, evidenciando o conceito e, de certa forma, suas expectativas em relação às suas escolas do ensino fundamental.

No decorrer da nossa conversa, ao tentarmos especificar de que maneira se estudava, a Rafaela expõe o seu entendimento:

“– A gente copia do quadro pra escrever. E depois a gente faz o tema e às vezes a gente leva na pasta. E também, a gente leva pra casa.”

Então, as tarefas as quais nós adultos, de hoje, realizamos no nosso processo de escolarização, passam a ser vivenciadas, da mesma forma, pelas crianças da atualidade. E continuando o diálogo, ao perceber que todas elas consideravam tal atitude importante, questiono sobre os motivos que lhes levam a tal concepção. O Pedro, enfim revela:

“– Porque estudar ensina a ler, a escrever.”

Portanto, através dos relatos das crianças, constatou-se que as



culturas infantis em que prevalecem todas as suas peculiaridades de manifestação, passam a ser abandonadas, ou ainda, como diz Sarmiento (2011), “[...] perante a instituição, a criança ‘morre’ [...]”. A partir daí brota outro personagem – o aluno – que, segundo Sacristán (2005), “é uma construção social inventada pelos adultos”. Sendo assim pode-se constatar que, estas considerações que as crianças fazem, ainda são frutos da visão adultocêntrica, ou seja, o adulto atribui à criança as suas expectativas em relação à escola, assim como esta impõe sobre a criança as suas normas.

Continuamos o nosso diálogo e, ao perguntar os motivos que levam as crianças a brincarem, logo elas me responderam que era para se divertir. Então as questioneei sobre os momentos em que esta ação ocorria em suas escolas e, neste momento, surge o recreio o qual o Arthur explicou:

“– É um lugar quando a gente brinca. É só pra brincar. Não adianta fazer nada. Tudo que se pedir não é pra fazer, não é pra fazer porque é recreio e é assim. Só pra brincar. Recreio.”

Mas ainda, me disseram que corriam muito no recreio. Logo, perguntei se o recreio era só para correr. A Rafaela complementou que:

“– Não. Também dá pra pular. Dá pra mexer o braço.”

Neste instante é possível entender o quanto a sala de aula, a rotina escolar podem ser limitadoras para a criança, pois ela atribui a possibilidade de movimentação física, que necessita, no momento do recreio.

E de tantos elogios e empolgação sobre o brincar busquei resgatar a sua importância. Sabe-se que o brincar é essencial para a criança, pois desta forma desenvolve o entendimento sobre muito, além de desenvolver diversas habilidades. Porém, na fala do Pedro é possível identificar um aspecto fundamental do brincar:

“– (O brincar é importante para) conhecer novos amigos.”

Sobre esta consideração Mayall (2010, p.174) afirma que “a amizade é especialmente importante para as crianças, como divertimento, defesa e apoio.” Desta forma, percebe-se que a convivência e as relações com as outras crianças são fundamentais para elas.

### **As memórias do jardim de infância**

Ao tratar de memória, de rememorar, é importante destacar a consideração de Redin (2008, p. 48) ao expressar que “[...] memória e experiência se completam, dando sentido à existência, permitindo uma apropriação da própria vida.” E trabalhando sobre esta compreensão, ao relacionar com as discussões realizadas com as crianças, é perceptível o que no momento fazia falta para elas quando destacaram suas brincadeiras preferidas na escola de educação infantil: Esconde-esconde “normal”; Piscina; Caçador; Esconde-esconde do Escuro; Escorregador; Pega-pegas e Pique-esconde. O auge foram as brincadeiras motoras que apontaram a necessidade destas crianças de maior movimentação. Mas ainda, o Artur trouxe outra lembrança:

“– (Brincava) no pátio”.

E aí se podem fazer novas reflexões, pois este pátio, além desta movimentação privilegiava momentos de interação entre as crianças, não apenas com as da sua turma, mas de toda a escola, ampliando as possibilidades de relações.

## E mais algumas considerações

*Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.*

Fernando Pessoa

Nesta etapa das reflexões inicio ao expor a satisfação obtida através do ato de pesquisar e da sua complexidade. Esta, por sua vez, se constrói, na medida em que a cada passo há uma descoberta, o nascimento de um novo conceito (para aquele que descobre, ou dá-se conta) a ser estudado, o que conduz a caminhos diversos e estes a outros, e assim por diante. Sendo assim, o caminho do pesquisador é contínuo.

Ainda sob o viés da pesquisa convém elucidar o quanto as crianças são autênticas nas suas explicações e hipóteses, embora às vezes demonstram-se tão convincentes que mais parecem teorias. E, após todas as conversas que tivemos (as crianças, os autores e eu), recordei as palavras de Fernando Pessoa, que soam de maneira propícia e contribuem para a necessidade de mudança. Mas que transformação seria esta? Primeiramente a dos seres humanos envolvidos. Sarmento, Soares e Tomás (2004) já trouxeram a importância da participação ativa da criança na pesquisa, assim como Araújo e Formosinho (2008) expõe a criança enquanto agente; Redin (2003) expôs a escola como espaço de possibilidades e Sacristán (2005) trouxe o aluno como construção social, apontando que estamos acostumados com algumas situações e mais outras contribuições de outros autores. Portanto, arrisco que seria uma transcendência, muito maior que mera mudança.

Desta forma seria simplista alegar que a culpa é da escola, sem ao menos pensar em cada ser humano que está envolvido. Nós adultos (familiares, professores) não frequentamos a escola sob o viés da Sociologia da Infância. Não nos perguntavam sobre o que queríamos aprender ou se gostaríamos de brincar. Então, as alterações para tornar esta postura efetiva devem ser sutis, mas não evitadas, pois também é necessária aceitação. Para o professor que não trabalha sob esta perspectiva é preciso desconstruir-se e isto pode ser doloroso assim como entender-se mediador pode ser doloroso. Perceber os refletores sobre a criança e não sobre si pode ser incômodo, mas também pode ser uma experiência inesquecível para este educador. Os familiares podem se mostrar receosos e descrentes da “eficácia” deste trabalho, pois não foram educados assim na escola, mas também podem se sentir atraídos por ser uma proposta diferenciada. E acima de tudo, que através destas mudanças, as crianças possam expressar e apontar aquilo que realmente fazem parte da sua cultura, das Culturas Infantis, e não o que a sociedade adultocêntrica vem lhe impondo ao longo dos anos. Enfim, é um caminho longo e que deve ser trilhado com carinho e sensibilidade. Pois as crianças são merecedoras destas mudanças e precisam ser ouvidas.

Julgo necessário, a partir dos dados desta pesquisa, a mobilização dos grupos docentes. Os professores são merecedores de atenção, neste momento, pois são os fios condutores de todo este processo. Precisamos ouvi-los, prepará-los e acalentá-los, uma vez que a saída do habitual causa frustrações. Penso que o trabalho com as memórias destes profissionais, com os seus amores e desamores sobre a escola, é relevante para melhor compreensão de si enquanto pessoa, enquanto ser, enquanto criança que foi,

enquanto professor que é e, ainda, para entender o mundo que perpassa para a criança que ali está, a sua frente procurando respostas para desvendar o mundo.

Os familiares, concomitantemente, precisam de amparo. Devem ser informados sobre as eventuais mudanças que ocorrem nos processos de ensino-aprendizagem. Não me refiro a amparo como sendo algo catastrófico, mas sim que temos que fazer relação com a família. Mas como já havia mencionado, de forma sutil, o que for necessário. Afinal, nosso compromisso é abrangente mais do que quatro paredes, é social, atinge uma sociedade inteira.

Igualmente, destaco que deveríamos brincar mais. Permitir as crianças que continuem brincando, nos permitir brincar mais com elas e entre adultos mesmo. De acordo com as próprias crianças: brincar permite fazer novos amigos. E quem não gosta de ter amigos? O mundo tornou-se “tão” metódico, repleto de horários, de compartimentos, de “caixinhas” para tudo que quase não vê o todo, quase não se vê o outro, quase não vejo o meu amigo. E assim seguimos, sem olhar para o lado, sem perceber a beleza da natureza, sem entender o ser humano, apenas seguimos o sistema. Um dia desses, ao invés de ouvir, “as crianças só brincam?”, quem sabe se ouça: “as crianças brincam bastante? E os adultos? Também brincam?” e que estas falas possam ser ouvidas em qualquer lugar seja na escola, em casa, na pracinha. Enfim, que sejamos felizes.

## Referências

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 12 set. 2012.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006.** Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm](http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm)>. Acesso em: 8 jun. 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC; SEB, 2010.

FORMOSINHO, Júlia Oliveira; ARAÚJO, Sara Barros. A construção social da moralidade: a voz das crianças. In: FORMOSINHO, Júlia Oliveira – (Org.). **A escola vista pelas crianças.** Portugal: Porto Editora Lda, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Alberto Albuquerque. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. **EccoS Revista Científica:** Centro Universitário Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, ano 7, n. 2, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=71570203>>. Acesso em: 8 jun. 2012.

MAYALL, Berry. Relações geracionais na família. In: MÜLLER, Fernanda (Org.). **Infância em perspectiva:** políticas, pesquisas e instituições. São Paulo: Cortez, 2010.

MOREIRA, Marcelo Rasga; NETO, Otávio Cruz; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. In: XIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 26., 2002, Ouro Preto. **Anais eletrônicos...** Campinas: NEPO - Universidade Estadual de Campinas, 2002. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com\\_JUV\\_PO27\\_Neto\\_texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf)>. Acesso em: 8 jun. 2012.

REDIN, Marita Martins. **Experiência Estética e Memórias de Escola – “Porque é de Infância... que o mundo tem precisão!”**. 2008. 334 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. 2003. Disponível em: <[http://cedic.iec.uminho.pt/Textos\\_de\\_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf](http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2012.

\_\_\_\_\_. A reinvenção do ofício de criança e de aluno. **Atos de Pesquisa em Educação** – PPGE/ME FURB, v. 6, n. 3, p. 581-602, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/2819>>. Acesso em: 8 jun. 2012.

\_\_\_\_\_; SOARES, Natália Fernandes; TOMÁS, Catarina. **Investigação da infância e crianças como investigadoras**: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. Sixth International Conference on Social Methodology Recent Developments and Applications in Social Research Methodology Amsterdão, 16-20 Agosto 2004. Disponível em: <[http://cedic.iec.uminho.pt/Textos\\_de\\_Trabalho/textos/InvestigacaoDaInfancia.pdf](http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/InvestigacaoDaInfancia.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2012.

## Notas

\* Artigo produzido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso, com o mesmo título, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, pelo Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), cuja defesa ocorreu em dezembro de 2012.

\*\* Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e coordenadora Pedagógica na Escola de Educação Infantil Acalento, localizada em São Leopoldo (RS). E-mail: <j\_s\_nunes@yahoo.com.br>.